

O ENSINO DA TRADUÇÃO E SEUS LIMITES: POR UMA ABORDAGEM MENOS ILUSÓRIA

Rosemary Arrojo (UNICAMP)

Há alguns meses, depois de uma aula de Prática de Tradução no Programa de Bacharelado em Inglês (modalidade Tradução) da PUC-SP, uma das alunas me entregou uma lista manuscrita de palavras e expressões inglesas. Explicou-me que essas palavras e expressões haviam sido extraídas de um manual de computação que aceitara traduzir e que, depois de consultar vários dicionários bilingües, alguns deles técnicos, resolvera vir até mim em busca dos significados que tanto ela como os dicionários consultados desconheciam. Quando lhe perguntei, entre irritada e perplexa, porque julgava que eu pudesse lhe oferecer aquilo que até mesmo os dicionários lhe negavam, a aluna, também entre irritada e perplexa, me respondeu que, como responsável por vários cursos de prática de tradução, eu tinha o dever de conhecer a tradução para o português das palavras e expressões mencionadas.

As conseqüências da postura teórica implícita na atitude e nas expectativas de minha aluna para a formação profissional de tradutores são o objeto primeiro deste trabalho. Tentarei mostrar como sua postura - que pode parecer absurda e extrema para a maioria dos leitores - não é, de forma alguma, idiossincrática mas, sim, absolutamente coerente com a visão logocêntrica que nossa tradição tem da atividade do tradutor e que, conseqüentemente, se impõe, quer de forma implícita ou explícita, ao processo de formação de profissionais da área. Indiretamente, o que estarei explorando aqui é a base do conflito que por alguns minutos eu e minha aluna trouxemos à tona: um conflito entre duas visões opostas sobre o que pode e deve fazer um professor encarregado da formação profissional de tradutores, o que é uma outra forma de definir o conflito entre duas perspectivas teóricas sobre o que ocorre - ou o que deve ocorrer - quando se traduz um texto.

A expectativa de minha aluna foi claramente explicitada: o tradutor profissional - nesse caso, representado pelo professor de prática de tradução - deve ser capaz de realizar qualquer tradução, em qualquer contexto e em qualquer circunstância, desde que envolva as línguas que declara dominar, ainda que essa tradução seja de uma lista de palavras e expressões separadas de seu texto de origem. Acima de tudo, o que essa expectativa sugere é a onipotência que minha aluna, escoltada por uma opressiva tradição logocêntrica, associa à profissão para a qual se prepara. Como

observa Jacques Derrida, o ideal subjacente que impulsiona a cultura ocidental é exatamente a crença na estabilidade do significado. É a essa crença que Derrida chama de logocentrismo, do grego Logos, que significa "discurso", "lógica", "razão", "a Palavra de Deus"¹. Uma das consequências mais importantes dessa concepção logocêntrica da linguagem e da realidade é a possibilidade de uma distinção clara e objetiva entre sujeito e objeto, o que autoriza a possibilidade de significados independentes dos sujeitos que os utilizam. Essa possibilidade é também a possibilidade de um sentido "literal", inerente à palavra ou expressão, independente de qualquer contexto histórico-social e de qualquer intérprete. Essa concepção de linguagem - que Gayatri C. Spivak chama de um "sonho impossível de plenitude"², ou seja, o sonho de que signo e coisa pudessem, em algum momento e de alguma maneira, constituir uma unidade indissolúvel - pensa o significado em termos de uma "propriedade portátil" que pode ser transmitida, transportada, substituída e classificada de forma "objetiva" e imune a quaisquer fatores ditos "subjativos" ou "exteriores" à palavra ou ao texto.

Em "The Conduit Metaphor - A Case of Fringe Conflict in Our Language about Language", Michael Reddy³ demonstra como a metáfora do conduto, do transporte de significados se encontra arraigada no inglês (e, posso acrescentar, também nas outras línguas modernas que conhecermos), revelando-se até mesmo nas próprias estruturas semânticas da língua. Como observa Reddy, inúmeras expressões mostram claramente que a língua inglesa considera as palavras como receptáculos do pensamento. Os exemplos a seguir são alguns dos listados pelo autor:

- 1) That thought is in practically every other word.
- 2) The sentence was filled with emotion.
- 3) The lines may rhyme, but they are empty of both meaning and feeling.
- 4) Your words are hollow - you don't mean them. (p.288)

Como argumenta Reddy, se as palavras são vistas como recipientes, invólucros para o pensamento, os sentimentos ou as emoções, devemos considerar as seguintes consequências:

- 1) a linguagem funciona como um conduto, transferindo pensamentos... de pessoa para pessoa;
- 2) ao escreverem e falarem, as pessoas inserem seus pensamentos ou sentimentos nas palavras;
- 3) as palavras contêm os pensamentos ou sentimentos até que sejam transferidos para outras pessoas;
- 4) ao ouvirem ou lerem, as pessoas extraem os pensamentos e sentimentos das palavras. (p.290)

Assim, quando uma leitura é inaceitável ou inadequada, considera-se que o leitor fez, "de forma ilícita", uso de seu poder de inserir pensamentos nas palavras do texto, ao invés de ter se restringido simplesmente à extração de significados. Crê-se que foi o

próprio leitor quem "sorratamente" colocou pensamentos não pertinentes nas palavras do texto e, em seguida, "fingiu que os havia encontrado nelas". (idem, p.289)

Essa concepção cartesiana da linguagem nutre a grande maioria das teorias de tradução que, independentemente das disciplinas de que se originam, tendem a descrever o processo tradutório em termos de uma substituição ou transferência de significados estáveis de um texto para outro e de uma língua para outra. Como observei em Oficina de Tradução - A Teoria na Prática⁴, a metáfora do processo de tradução proposta por Eugene Nida⁵, um de seus mais prestigiados teóricos, é, nesse sentido, exemplar. Nida compara as palavras de uma sentença a uma fileira de vagões de carga. Segundo sua descrição, a carga pode ser distribuída de forma irregular entre os diversos vagões. Conseqüentemente, um vagão poderá conter muita carga, enquanto outro poderá carregar muito pouca; em outras ocasiões, uma carga muito grande tem que ser dividida entre vários vagões. De forma semelhante, sugere Nida, algumas palavras "carregam" vários conceitos e outras têm que se juntar para conter apenas um. Da mesma forma que o que importa no transporte da carga não é quais vagões carregam quais cargas, nem a seqüência em que os vagões estão dispostos, mas, sim, que toda a carga alcance seu destino, o fundamental no processo de tradução é que todos os componentes significativos do original alcancem a língua-alvo, de tal forma que possam ser usados pelos receptores. O comentário que apresentei em Oficina de Tradução sobre essa metáfora de Nida ainda me parece oportuno:

Se pensarmos o processo de tradução como transporte de significados entre língua A e língua B, acreditamos ser o texto original um objeto estável, "transportável", de contornos absolutamente claros, cujo conteúdo podemos classificar completa e objetivamente. Afinal, se as palavras de uma sentença são como carga contida em vagões, é perfeitamente possível determinarmos e controlarmos todo o seu conteúdo e até garantirmos que seja transposto na íntegra para outro conjunto de vagões. Ao mesmo tempo, se comparamos o tradutor ao encarregado do transporte dessa carga, assumiremos que sua função, meramente mecânica, se restringe a garantir que a carga chegue intacta ao seu destino. Assim, o tradutor traduz, isto é, transporta a carga de significados, mas não deve interferir nela, não deve "interpretá-la" (pp.12-13)

Da mesma forma que, como mostrou Reddy, a qualquer leitor ou ouvinte cabe apenas utilizar os "condutos" das palavras e deles extrair os significados que contêm, cabe ao tradutor, segundo essa concepção, extrair significados das palavras-condutos de uma língua e inseri-las nas palavras-condutos de outra. Finalmente, o que se proíbe tanto ao leitor e ao ouvinte, como ao tradutor, é a interpretação, ou seja, a interferência de seu contexto histórico-social e de sua psicologia na construção de uma leitura ou tradução.

Se traduzir não envolve interpretação, se se exige do tradutor que extraia a "carga" significativa das palavras de uma língua e a insira nas palavras de

outra, mantendo arbos os textos e arbas as línguas intactos, bastaria para sua formação profissional, como também intuiu minha aluna, apenas o domínio do maior número possível de extrações e inserções. Assim, os cursos de formação profissional de tradutores que em geral partem dessa concepção de tradução tendem a apostar na elaboração e no arquivo de glossários, de listas de palavras e de outras formas fixas de significados, e em exercício de tradução que enfatizam a coleção e o domínio dessas formas ao invés de se aterem ao processo envolvido.

A herança mais freqüente que esse tipo de abordagem lega a seus alunos é, portanto, a ilusão de que, para poderem realizar traduções satisfatórias, lhes bastará aprender as línguas envolvidas e ter em mãos dicionários ou glossários adequados. Outro engano comum decorrente desse tipo de abordagem é a ilusão de que, após fazerem traduções "técnicas" ou "literárias" durante o curso, terão aprendido a traduzir textos "técnicos" ou "literários", desde que consigam, obviamente, os dicionários necessários. Conseqüentemente, o pior legado que os profissionais em formação podem herdar dos cursos que freqüentam é a convicção de que são, fundamentalmente, colecionadores de significados congelados e intercambiáveis de uma língua para outra e de um texto para outro e, o que é ainda mais grave, a alienação, o não-reconhecimento de seu papel essencial de autor e construtor de significados.

A abordagem "menos ilusória" que tenho a propor não é uma receita infalível, nem será ilustrada com programas ou descrições de cursos exemplares. O tipo de formação profissional de tradutores que me parece adequado é decorrente de uma postura teórica que desconfia de qualquer forma de significados supostamente mumificados, já que tem como base o questionamento da possibilidade de qualquer significado estável ou inerente à palavra ou, em sentido mais amplo, ao próprio texto. Ao questionar essa possibilidade, questiono também, e, acima de tudo, a possibilidade de qualquer significado que seja independente da interpretação de um sujeito inserido num determinado tempo e num determinado contexto histórico-social-cultural. Assim, qualquer tradução, como qualquer leitura, inevitavelmente refletirá, além do sujeito tradutor, o momento histórico e a comunidade cultural que a produziram. Como tentei demonstrar em outros trabalhos, nenhuma tradução - mesmo aquelas que pretenderem o contrário - conseguirá preservar intactos os significados originais de um texto - "técnico" ou "literário" - ou de um autor, mesmo porque esses significados serão sempre "apreendidos" ou considerados dentro de uma determinada perspectiva e de um determinado contexto.

Aprender a traduzir, tornar-se tradutor, implica, portanto, em primeiro lugar, reconhecer seu papel essencialmente ativo de produtor de significados e de representante e intérprete do autor e dos textos que traduz. Além desse reconhecimento, é claro, cabe ao tradutor assumir a responsabilidade pela produção de significados que realiza e pela representação do autor a que se dedica. Ou seja, terá que estar sintonizado com o ideário de seu tempo e lugar e, conseqüentemente, com a visão que esse tempo e lugar lhe permitem ter do texto e do autor que interpreta. Aprender a traduzir - pressupondo-se obviamente que esse aprendizado já conta com um trânsito

adequado entre as línguas envolvidas - é um processo extremamente complexo que, infelizmente não se realizará com o mero arquivo de listas de palavras mas, sim, com o aprendizado mais amplo das tendências e características do que em seu tempo e lugar seja considerado uma leitura "aceitável" da realidade, não apenas presente, mas também passada e até mesmo futura. No caso, por exemplo, da tradução do manual de computação que minha aluna aceitara traduzir, ao invés de procurar dicionários mais eficientes ou até mesmo professores supostamente "infalíveis", que lhe fornecessem as chaves aos significados que procurava, teria sido mais indicado procurar se familiarizar com as formas de leitura praticadas pelas comunidades que produzem e consomem esse tipo de texto e, também, com os objetivos reais da tradução desse texto em particular. Somente através desse processo de "familiarização", que deverá ser desenvolvido em torno de cada texto a ser traduzido, minha aluna teria podido começar a assumir o duplo papel de intérprete do texto de partida e de autora - tradutora responsável pelo texto de chegada, que constitui todo trabalho de tradução. Em outras palavras, para que alguém possa traduzir satisfatoriamente um manual de computação terá que se familiarizar com o que dizem - e como o fazem - aqueles que escrevem esses manuais nas duas línguas e comunidades culturais envolvidas. Essa familiarização, por sua vez, envolve inescapavelmente uma postura interpretativa, em que o tradutor funciona como um leitor, um filtro avaliador das informações com que se depara no texto de partida, informações essas que transformará, através de sua interpretação, nas informações que passarão a constituir o texto de chegada. É óbvio que em algum momento, durante esse processo, o tradutor estará elaborando, ou consultando, formal ou informalmente, uma lista bilingüe de palavras mas, a rigor, essa lista se aplica apenas a esse momento e a esse lugar únicos de cotejo entre duas línguas e duas comunidades diferentes. Ou seja, essa lista é necessariamente parte de um processo e não poderá servir como uma chave mágica que dará acesso a todos os manuais de computação escritos numa determinada língua, ou que resolverá todas as traduções desses manuais, independentemente da época ou do lugar da tradução ou, ainda, de seus objetivos.

É claro que é impossível garantir-se que esse tipo de aprendizado ocorra entre os limites de uma sala de aula ou mesmo de um curso de graduação dedicado à tradução, mesmo porque não se pode prever em quais áreas e para quais comunidades os aprendizes de tradução realizarão seu trabalho. Entretanto, o que é possível desenvolver-se num curso de formação de tradutores é a conscientização dos aprendizes em relação ao papel que decidiram assumir em suas vidas profissionais e às atitudes que esse papel exige. Através, por exemplo, de análises críticas de traduções consagradas e de traduções realizadas pelos próprios alunos, em que se tenta mostrar o vínculo dessas traduções a uma determinada postura ideológica e a uma determinada época, ou seja, a uma "interpretação", é possível começar a mostrar aos aprendizes a importância e, principalmente, a complexidade do ofício que escolheram. Contudo, essa não é uma tarefa fácil. Afinal, como devem estar pensando os leitores - principalmente aqueles que não concordam comigo - o pedido de minha aluna, que motivou e iniciou este trabalho, revela que, de certa forma, minha abordagem inicial falhou, ou seja,

apesar de meus esforços pedagógicos, ela continuava a considerar o processo de tradução em termos de um repertório controlável e congelado de palavras. O que posso dizer é que essa tarefa de conscientização se torna ainda mais difícil porque esbarra, a todo o momento, em séculos de tradição logocêntrica que, além de não ter produzido sequer uma solução plausível para as questões teóricas da tradução, tem imposto ao tradutor a impossível tarefa de ignorar-se, de não "aparecer" e de não revelar suas circunstâncias no trabalho que realiza.

NOTAS

1. Ver "Translator's Introduction", de Barbara Johnson em Jacques Derrida, Dissemination (Chicago: The University of Chicago Press, 1981), p. IX.
2. Ver "Translator's Preface", de Gayatri C. Spivak em Jacques Derrida, Of Grammatology (Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1980), p. XIX
3. Em Andrew Ortony (ed.), Metaphor and Thought (Cambridge: Cambridge University Press, 1979), pp. 285-324.
4. Roserary Arrojo, Oficina de Tradução - A Teoria na Prática (São Paulo: Editora Ática, 1986), pp. 12-13.
5. Em Eugene Nida, Language Structure and Translation (California: Stanford University Press, 1975), p. 190.